

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## BARCELLOS HA 50 ANOS

V

Os croquis tirados do natural, pelo nosso apreciavel patricio Antonio Candido da Cunha, talentoso professor livre de desenho, alumno distincto de bellas artes, que vai cultivar, no «salon» de Paris, aonde dará honra á terra, que o viu nascer, e abertos, em malreira, pelo nosso hospede e dilecto amigo Domingos Coelho, um moço tão illustrado como modesto, um genio artistico de alto quilate, e que h'je illustram as paginas d'este numero da «Lagrimeira» representando a Capella de Santa Martha, e a casa da quinta d'este nome, na visinha freguezia de Arcuzello, forneceram-me o objectivo para esta chronica.

Todos aqui conhecem a capella de Santa Martha, que ahí está á cavalleiro da linha de ferro junto da estação de Barcellos.

Não me proponho hoje fazer reproduções historicas da origem da capella, que, tendo sido propriedade da antiga commenda de Chavão, tem a sua historia em os antigos chronistas. Fallarei apenas, como é meu proposito, de como ha cincoenta annos, se cultivava ali a devoção para com a Santa Irmã de Lazaro e de Maria

Magdalena. A metade fragil do genero humano, e, que, por felicidade sua, abraça a Religião Catholica, é muito devota de Santa Martha. Lá, d'onde é que lla vem esta devoção, não nos é dado metter o nariz: isso é com ellas; estão no seu direito.

Como aqui por perto não houvesse ponto de ro-

marias a Santa Martha, senão na montanha da Falperra, a nossa Santa Martha de Arcuzello tinha farta concorrência deromeiros, principalmente na vespera do dia da sua festa, que é a 29 de julho.

Havia ali, em um vasto terreno bravo e seiva fronteiro á capella, arraial, em que tocava a banda Barcellese; e se queimava muito fogo solto e preso na noite do dia 28 de julho.

Pode dizer-se, — que Barcellos se despojava para ir gosar do arraial em Santa Martha: ficavam apenas em casa as creanças e os velhos; eu nunca lá fui, porque me não deixavam; apenas via da janella os foguetes, que subiam

acima dos pinheiros da cerca do hospital; ouvia tocar a muzica, e esperava que os mais velhos chegassem da romaria.

Rara era a familia de Barcellos, que, n'aquella noite, não fosse ceiar á romaria de Santa Martha. Cada grupo, que marchava para ali, Granja fóra, illuminado por um luar claro e quente, levava consigo o dilecto cesto da ceita acompanhado pelo enorme cangeirão do rascante de primeira lagarada, sem baba, nem coisa, que o vallesse.

Havia ali tascas com fornos, e pipas de vinho; mezas de doce em

barda, alguidares de tremozos, cestos de trigo e de rosca, descantes de Manueis d'aldeia e grupos de tricanas da villa cantando o S. João, o que tudo se ouvia distinctamente no Campo da Feira.

O melhor da romaria era até ao fim das ceias, por que o vinho, faltando nas canecas, sobrava



## A LAGRIMA

nas cabeças; e era certa e sabida rija marmeleira da entre osromeiros, obrigando a despejar-se o terreiro do arraial em poucos minutos. O ultimo acto era terrivel; e, por isso, a romaria foi perdendo a pinto que veio a acabar por dissolução de paries.

Data de ha bons cincoenta annos o golpe mortal na romaria. Eis o facto.

No mais *dolce farniente* e acalorado enthusiasmo comiam, e bebiam rijamente, os diferentes grupos estendidos na relva do monte de Santa Martha aqui e ali, em volta das toalhas brancas, cobertas de bons petiscos e matisadas de pratos e de copos com o bello rascante de 15 reis cada meia, quando o regedor de Arcuzello, que então era um tal João d'Amaro, passava pelo meio da romaria policiando o arraial com os seus cabos armados com malhos, como se aquillo fosse uma cirada de centeio para malhar!

Entre as diferentes ceatas estava uma a ser saboreada por Faustino José de Lima, seu filho João Evangelista de Lima, Agostinho José de Azevedo e Manuel Gomes Forte, todos d'esta villa, e muito conhecidos todos. O Faustino, que era então o regedor da villa, botou dito picante ao seu collega d'Arcuzello pela forma como elle havia ordenado o armamento da sua policia. João d'Amaro, que estava dentro dos limites da sua alçada auctoritaria, responde azedamente a Faustino, que não era homem pequeno, nem de meias medidas, e, n'um pulo, agarra do seu marmeleiro e estende por terra João d'Amaro; os outros companheiros, todos tezos, seguem o seu amigo, e, cahindo sobre os malhadores, pozeram-nos em Aveiro sem sapatos.

Calcule-se a confusão, o sobresalto, a desordem e a complicação do barulho, que tomou umas proporções verdadeiramente horribes! Os gritos confundiam-se com as pauladas dos malhos e dos marmeleiros; e, quando tudo estava envolvido em uma terrivel pavorosa, ouve-se a detonação de um tiro de espingarda, que, não tendo attingido ninguem, poz em fuga accelerada tudo quanto ali estava de fraco e de corajoso. Foi um dár de terra para feijões, uma confusão indisciplinavel, como facilmente se pode conceber.

As senhoras, e todas as pessoas, que eram encarregadas do preparar as ceias, ó que se viram n'ellas, para salvarem as loiças, os vidros e os restos dos petiscos, que estavam a meio caminho do seu destino. Está ai viva ainda uma senhora, que se viu n'estes apertos; é a sr.<sup>a</sup> D. Izabel Florença de Souza Pereira, sogra do meu velho amigo Manuel Antonio Esteves.

Data d'aquí o esphacelo da romaria, que nunca mais foi concorrida; e que morreu completamente haverá uns trinta e quatro a trinta e cinco annos.

Como o espaço de que dispomos, não me deixa alongar mais, ficarei aqui por hoje; promettenlo,

na chronica seguinte, continuar com o mesmo assumpto. O que foi aquella capellinha, e o que é hoje!!!

ARCHEOLOGO.

### NOTAS

Hoje temos a archivar uma serie de crimes e desgraças, n'este logar.

Vamos de mal em peor. Em politica e em costumes.

Em Gallegos matam um homem, assim como quem mata um urso, á paulada.

Em Roriz destorram duas creanças, uma de seis e outra de oito annos, e, por cima, innoculam-lhe doença suspeita.

Em Villar de Figos espurcam brutalmente Gabriel d'Almeida, por não querer emprestar uma viola.

Em Villa Secca malham, assim como quem malha em centeio verde, n'uns typos que—do Logar de Cima foram provocar os do Logar de Baixo.

Em Villar afoga-se um pobre velho que andava ás uvas n'uma arvore, e cahiu ao rio Cavado.

Em Villa Secca morre um pobre rapaz, depois d'uma coça valente por roubar meia duzia de cachos.

Em Barcellinhos um filho tenta aggreirir o proprio pae com um machado, simplesmente por elle o querer apartar n'um barulho em que elle se envolvera com o cazeiro da quinta da Barreta.

Em St.<sup>o</sup> Estevão de Bastuço, Ignacio Pereira, mineiro, morre desastradamente por que lhe cahiu em cima, quando andava n'um poço, um caixão cheio de pedra.

Um carpinteiro de Forjães, cahiu abaixo das obras do Asylo do Menino Deus, e morre em seguida.

Em Paradella um velho libidinoso, de 75 annos, engana e seduz Maria d'Almeida, de Furia, dá-lhe uma nota de 50\$000 reis, perpetra o crime, e depois accusa-a como ladra.

.....  
Para mais desastres:

Um carro d'Alheira, ao voltar d'Apulia, vira-se, e deita os passageiros em terra, em pleno Campo da Feira.

O Manel Zé tem a vida atravessada de episodios. Apesar do que lhe aconteceu, e que contamos no ultimo n.<sup>o</sup>, quando queria «citar» e «arrestar» um lavrador, Manel Zé não foi á parede, nem vai, porque tambem é homem de chalaça, é um verdadeiro pandego. Ahi vai uma patuscada d'elle.

Manel Zé toca caixa n'uma muzica. E' o representante genuino da caixa rufadora da anti-

PARA DIA DE FINADOS: VARIADO SORTIDO DE COROAS E BOUQUETS. LOJA DO POVO. F. CARMONA

## A LAGRIMA

ga muzica «D'AGUA D'UNTO», que deixou fama em Barcelinhos, onde se chocou e gerou.

N'uma festa que houve, na freguezia de Macieira, (?) Manel Zé, de sucia com os muzicos, que tinham de pernoitar n'um varandão, folgou e riu e dançou por cima do colmo que lhes servia de cama. Havia apenas seis cobertores para cobrir a banda inteira. Algum tinha de fiar com o corpo ao leão, ou fosse da cinta para cima, ou fosse da cinta para baixo. Porém, muito chegadoinhos, lá se foram arranjando, até que tudo adormeceu.

Tudo, menos o Manel Zé, que estava d'olho fino, á espera de occasião para fazer a sua partida.

Levanta-se, pé ante pé, e foi tirando muito ao de leve os cobertores de cima dos muzicos, e levando-os para o seu canto.

Ficou muito contente da partida, e depois adormeceu tambem, n'um sonho de caricias da lá dos seis cobertores que o rodeavam.

Pela madrugada, porém, um dos muzicos, o bombardino, acordou, e deu pela brincadeira. Desconfiou logo do Manel Zé, e foi tambem, pé ante pé, pegou-lhe n'uma das botas, uma bota larga, porque o Manel Zé tem os pés grandes e é sapateiro, e—zís: Pespega-lhe dentro todo o arroz e todos os feijões que tinha comido á ceia, depois de passar, já se sabe, pela operação do chylo no estomago, até escorregar pelo intestino grosso e sair pelo reto...

Manel Zé, ao toque d'alvorada, levanta-se muito arteiro, vae a encafiar as botas...

Terminamos a historia, porque agora já não cheira bem.

Cheira mesmo a acido sulphidrico.

—Então não sabe, dizia o outro dia o Anastacio, esfregando as mãos: não sabe, amigo João?

—O quê?

—Já chegaram os pelípes.

—Mas o que é isso de pelípes?

—E' aquella cousa que se mandou vir para c*o*llac*ta*r a Rua Direita.

—Ah! Bem sei. Fica assim como as ruas do Porto.

E' isso mesmo.

Este Anastacio é camarista. E este camarista tem parallelipedos dentro do cranio.

Perguntas innocentes:

¿O que faria o parochio de St.<sup>a</sup> Eugenia, terça-feira ultima, pelas duas horas da tarde, no Campo do trigo, um doce colloquio com uma mulher cazada?

N. B. O Campo do trigo não confronta com caminho publico, por nenhum dos quatro ventos. E' um campo particular, e só uma causa parti-

cular é que pode levar alli um padre e uma mulher casada.

—¿Porque é que o padre de St.<sup>a</sup> Eugenia disse que um dos redactores da «Lagrima» era «safado»?

A esta pergunta responde-se:

Porque o tal redactor não lhe encobro os escandalos e os instinctos devassos.

Aqui não ha *simonias*.

Não damos cartas de encommendação a troco de sermões sem grammatica, nem obedecemos a enpenhocas.

Aqui não ha beatas. Ha independencia...

Segundo antiga usança, distribuiu-se no penultimo domingo de tarde, em Abbade do Neiva, um curioso legado, que consiste em dar um pedaço de pão e uma sardinha a cada pessoa que resar um Padre Nosso.

Por curiosidade uns, por interesse outros, a concorrência foi grande; e o adro da igreja esborrachava com povo.

Via-se alli de tudo: desde a mulher d'aldeia, vermelha de cara e de roupas, e a d'alli da rua de S. Bento, doentia, com as pernas cheias de «xulé», até a dama descassada dos ultimos figurinos, e pousada n'uns sapatos arrebitados de tacão; desde o rapaz de calça rachada, engulindo o monco que corre do nariz, até o menino de bonet á maruja, com calções curtos, levado pela mão do tio amigo que dá resplandores de prata na feira das cruces; finalmente, desde o homem amarello falto d'acção, até o dandy barcelleiro, lavadinho exteriormente até os bicos dos sapatos...

Um charivari de tyos e de vozes...

A broa amontanhada em cestos, a sardinha acamada em cestas era distribuida por lavradores em «mangas de cabello».

Espalharam-se 1:500 sardinhas, e 18 razas de pão, ás fatias, e ficou muita gente a ver navios...

Engraçado—os politicos para arranjarem votos dao carneiro com batatas. Este do legado, para conseguir Padre Nossos mandou dar sardinhas com pão...

João Reborada, do Sancho, de Barcelinhos, foi em tempos a uma povoação proxima de Amarante.

Andou muitas leguas á calcante, fez bôlhas nos pés e ganhou um appetite devorador; e como até hoje não se conhece remedio melhor para se curar esta fraqueza animal do que comer, foi fazel-o n'uma tasea branca como carvão e limpa como o lixo?

—Que ha por ahi que se cõma, sr.<sup>a</sup> tasqueira:

—Migalhinhas de pom com pedras, arroz com frango, e se quizer tambem ha frango com arroz.

—Você falla serio?

—E você vê-me rir? Ha tambem dois coelhos.  
—Bravo! Venham já. Coelhos n'estas alturas?  
Cahiram do ceo!

—Não senhor, foram apanhados á rêle ali entre a urze...

Vieram os animaes bellamente cosinhados, n'uma grande travessa; respectivo môlho; excellente te pinga. Reborada atirou-lhe em nome da lei e da carta constitucional. Achou tão bom o petisco que quiz mais:

—O' santinha? O' tasqueira? O' menino vai lá dizer á mãe se tem por acaso mais algum coelho.

—Não tem, diz inliscretamente a creança, porque a nossa castella só deu dois...

E depois d'isto, a creança meio atrapalhada, mettu na boquinha um dedinho, e o Reborada esse mettu os dois até ás guellas...



Esperava-se que sabbisse alguma cousa.

O ovo está choco. O pintainho, porem, parece que não quer sair da casca.

«Lá dentro» é melhor. Por causa do frio e das moscas.

No adro da igreja de Panque e Mondim, appareceu entaxado n'una oliveira, um papelucho quadrado, com estes dizeres:

«Com favor de Deus e da S. Madra Igreja quer Cazar José Borges Careca com Anna filha do Cristovo desta mesma freguezia e sebisgado de Braga pur num puder cazar eu Bedra por motivos munto probables é de cetra.»

O Careca quer casar com a Anna, mas ella gosta mais do Bedra...

Elle bem lhe diz:

—Eu quero este meu coração unir ao vosso.»  
Mas ella...

«... não posso—e tenho dito:

«Amar dois d'uma vez não é bonito.»

E então o Careca, desanimado:

«Has de á força ceder ao meu desejo,  
«Senão dou-te um sopapo que te aleijo.»

Ora para acabar com isto não era melhor cazarem todos tres?...

—Ninguem é capaz de decifrar o enigma do «Pimp'o» de hoje.

—Porquê?

—Porque só eu é que conheço a palavra que se decifra.

—Ora essa! A decifração é—coldres, e é uma palavra muito vulgar.

—Será, para o amigo. Eu tive de recorrer ao dicionario.

Isto passou-se com certo dandy da Parvonia. Que—para saber o que era coldres—teve de recorrer ao dicionario!

Veio ha dias no «Noticias» uma correspondencia de Barcellos muito empolada.

Dizia a minha criada, ao lê-la:

—Isto é «fino» demais. Aqui andou gente-papa—fina...

CARTA—Recebemos a seguinte que gostosamente publicamos:

«Sr. Redactor—Não era meu intuit) vir a publico, porém sou forçado a fazel-o. Vivo no meu predio junto á ponte, e vivo bem, enquanto não vier una cheia surprehender-me na cama, ou uma roda das minhas machinas espalmar-me como uma folha de begonia... Vivo bem, repito, n'esta atmosphera de trabalho, sem me importar que reinem legitimistas ou repulicanos, que vençam elhins ou japonezes;—o que eu quero é que o meu engenho colha muitas trutas e lampreias, e que o rio corra sempre para baixo, afim de não transtornar os movimentos rotatorios dos machinismos instalados nos fossos da fortaleza de St.<sup>a</sup> Cruz, como engradadamente alguem lhe chamou; e se não o é, pode sal-o, artilhando-lhe as janellas para defender o «porto de embarque e desembarque», de Barcelinhos, ou para fazer retirar qualquer esquadra inimiga. Mas artilhar lembra canhoaduras, e estas, buracos, e é d'estes que eu quero tratar. Tenho á minha reataguarda alguas por onde sabe a agua que vem da villa, que estão entupidos... Um dia arebentam e eu morro afogado... acabando-se a doce quietitude em que me embalo. Para tal caso se não dar, peço-lhe, sr redactor, para que junctamente commigo peça a Deus que desça sobre o sr. Carota um raio da sua Divina Graça (ja que não pode ser outro raio...) para que o illumine e lhe faça vêr o perigo que correm as minhas frazeiras.

Seu obrigado,

Barcellos, 20—10—94.

Benjamin.